

ESPAÇO E VIDA DOS ÍNDIOS TERENA DA ALDEIA LIMÃO VERDE

Olívio Mangolim

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país pluriétnico. A riqueza destas culturas poderá, um dia, tornar-se motivo de orgulho para a sociedade nacional. Apreciar esta riqueza de culturas e aprender delas o que há de mais saudável para o enobrecimento de nossa gente são tarefas que urgem.

O conhecimento não é para ser apreciado, como se aprecia a jóia rara e depois a guarda num lugar que ninguém possa tocá-la. Antes, e sobretudo, o saber deve ser utilizado como instrumento necessariamente transformador de uma realidade em outra, logicamente melhor, e de caráter societário. Enquanto pesquisador integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI), assumimos a tarefa ímpar de pesquisar o sistema educacional tradicional do Povo Indígena Terena. Para cumprir com a finalidade desta nossa tarefa, está sendo necessário o levantamento aprofundado em todas as aldeias dos mais diversos aspectos de relações vividas pelas comunidades. Neste sentido, queremos socializar junto ao

público universitário o trabalho que realizamos entre os meses de janeiro a abril de 1997, na aldeia Limão Verde (Aquidauana-MS).

O ponto de partida desta matéria considerou todos os pesquisadores antecedentes. Os aspectos pesquisados são prenúncios do contexto, da compreensão acerca da vida global do povo Terena. Tivemos que tratar de muitas questões, a partir da tradição, da oralidade e de como eles guardaram na memória aspectos que se tornaram tão vitais para continuar em sua caminhada como povo etnicamente diferenciado da sociedade nacional. De maneira que, muitas vezes, tivemos que fazer o exercício de forçar a memória, principalmente a dos mais velhos(as) da comunidade. Aconteça o que acontecer, o Terena continuará sempre sendo Terena, pensando como Terena, vivendo como Terena, aprendendo ao modo Terena, conhecendo ao jeito Terena. A propósito, neste estudo fomos motivados a pesquisar a razão da não assimilação do processo educativo da escola oficial, que é exatamente o seu sistema educacional tradicional. Explicitando melhor, é desafiador, para nós, apreender: como o Terena produzia seu conhecimento no passado? Como esse conhecimento era legado aos seus descendentes? Como os Terena produzem o seu conhecimento hoje? Como a escola oficial tem interferido no processo de produção própria do conhecimento dos Terena?

Com certeza, este estudo não responderá a todas estas questões, já que elas são objeto de pesquisa para a dissertação de mestrado, esperando que somente conseguirão ser respondidas a contento uma vez terminada a

pesquisa. Porém, alguns elementos já podem ser evidenciados à medida em que se avança a investigação. No caso da aldeia Limão Verde, já conseguimos detectar fragmentos destes elementos, que, juntamente com os aspectos de história, identidade, dança, mitologia, reprodução física, meio ambiente e cultura indígena, passamos ao conhecimento do público universitário.

1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

1.1- O POVO TERENA¹

1.1.1 - Um povo em constante movimento

Em toda a literatura clássica, as referências aos Terena os situam como pertencentes aos povos ARUAK. Hoje, já se tem certeza de que o alto Rio Negro foi o corredor pelo qual vieram os povos ARUAK. As teses

¹ Este estudo só se tornou possível graças aos escritos de Sanchez LABRADOR, 1910; Félix de AZARA, 1923; Visconde de TAUNAY, 1927 e 1931; Kalervo OBERG, 1948; Francis de CASTELNAU, 1949; Guilherme FURLONG e Joaquim CAMAÑO, 1955; Roberto Cardoso de OLIVEIRA, 1968; Fernando Altenfelder SILVA, 1976; Edgard de Assis CARVALHO, 1979; Benedito PRÉZIA, 1988; Olívio MANGOLIM, 1993 e Branislava SUSNIK, 1994; também é necessário o trabalho de OUVIR os mais velhos da comunidade, pois os Povos Indígenas utilizam-se da memória e da tradição oral, não escrevem.

sobre a origem destes povos os situam como originários das planícies colombianas e venezuelanas. Esses povos agricultores, caminhando na direção do sol nascente, procuravam melhores terras para a sobrevivência de suas famílias. Houve grande dispersão dos ARUAK pelo Brasil. Encontramos nações da família ARUAK como os Pareci e Salumã ou Enauenê-Nauê, no Mato Grosso; os Mehinaku, Wayrá e Yawalapiti, no Parque do Xingú, também nesse Estado. No Acre, sudoeste do Amazonas e região do alto Juruá, vivem os Kampa. Ao norte do Amazonas, na região do Rio Içana, afluente do Rio Negro, ainda habitam os Baniwa do Içana, os Warekéna, os Tariana e os Baré. No Alto Rio Negro, vivem os Mandawáca e os Yabaána, da região dos rios Canabori e Padaviri, e em Roraima, ao norte de Boa Vista, os Wapixana.

1.1.2 - Os Terena na Região Pantaneira

Seguindo a tradição de um povo agricultor, os Terena, subgrupo Guaná-Txané, habitantes do Chaco paraguaio², provindos da região oeste do Amazonas, encontraram aí um lugar ideal de refúgio, porém, de terras

² Segundo Guillermo FURLONG S.J. e Joaquim CAMAÑO S.J. em suas "*Noticia del Gran Chaco*"(1778). MCMLV, p.109/122, a nação Guaná, era constituída com cerca de 30 mil índios, dividida em sete grupos: Layana ou Chaná, Terena ou Etena, com dois povos; Echoaladi; Neguecagatemi; Equinikinao, também com dois povos. Apud CARVALHO, Edgard de Assis. *As Alternativas dos vencidos, índios terena no Estado de São Paulo*, 1979, p.24.

áridas e improdutivas.

O seu deslocamento para o sul de Mato Grosso se deu, com certeza, em três momentos diferentes: um grupo chegou antes da Guerra do Paraguai. Tal é a comprovação que se pode ter com a presença indígena na região conhecida como Cabeceira da Onça, distante 21 quilômetros do que é hoje a cidade de Aquidauana. Ali residia o indígena Manuel Lutuma Dias (nome indígena **ATALÉ**), bisavô de Isac Pereira Dias (ainda vivo) que por mais de vinte anos foi o cacique da comunidade Limão Verde, segundo a linhagem. Avizinhava-se de Lutuma, uma índia por nome Malvina, foi esposada por João Dias, que deu nome para o córrego que nasce na atual aldeia de Limão Verde, afluente do Rio Aquidauana. Este córrego é muito citado por Visconde de Taunay, que fazia parte da legião do exército brasileiro que veio para a Guerra. É comum, nas afirmações de Taunay, de que ao passar pela região dos morros (referindo-se à Serra de Maracajú) "*demos com o caminho dos índios Terena, alojados na base da Serra de Maracajú*"³.

Um segundo grupo se deslocou para a região entre os rios Aquidauana e Miranda, mais propriamente a região dos morros, fugindo da guerra. Ali era lugar seguro. Às vezes vários grupos estavam na mesma região e não se conheciam. O fato é que a guerra resultou num aumento considerável da população indígena nesta região.

³ Cf. por exemplo, TAUNAY, Visconde de. *Dias de guerra e de sertão*, 1927, p. 61-81.

Um terceiro e último grupo foi chegando, já mais tarde, com as reservas já constituídas na região⁴, com passagem de fazenda em fazenda, uma vez que a ocupação branca já havia acontecido e, muitas vezes, os índios tornavam-se mão-de-obra barata para novos senhores. A notícia da reserva indígena sob a custódia do Serviço de Proteção aos Índios, portanto com determinados atrativos, motivou a esse tipo de exploração indígena.

⁴ Entre os anos de 1904/1905 foram demarcadas as quatro primeiras reservas para os Terena no então Estado de Mato Grosso pelo Marechal Rondon. Estas reservas estavam localizadas, na época, no município de Miranda. São elas: Bananal, Cachoerinha, Ipegue e Lalima. Conferindo os manuscritos de Rondon acerca destas demarcações, percebe-se que em todas estas reservas houveram invasões sucessivas, com diminuição do Patrimônio da União de usufruto das comunidades indígenas em cada reavivitação realizada. De tempos em tempos as comunidades se mobilizaram para reivindicarem o patrimônio inicial, principalmente agora em que se constata um grande crescimento populacional deste povo. Seguiu-se às quatro demarcações iniciais a da Área Indígena de Dourados (1917), onde vive um significativo contingente de Terena dividindo espaço com outra etnia, os Guaraní-Kaiowá. Depois vem a demarcação da reserva Moreira Passarinho, em 1925, área contígua à periferia da cidade de Miranda, mais tarde a reserva Buriti, em 1928, hoje município de Sidrolândia e, finalmente, a reserva Limão Verde, onde os índios vêm vivenciando uma luta histórica desde sua ocupação pelo que é hoje a cidade de Aquidauana. Não há documentos oficiais sobre a demarcação inicial desta área. É sabido pelos levantamentos etnográficos, antropológicos, históricos e fundiários, que o território de Limão Verde aproximava-se de 6.000 hectares de ocupação tradicional indígena, cuja delimitação remonta a tempos anteriores à Guerra do Paraguai.

1.1.3 - Caracterização do povo

O Visconde de Taunay conviveu com os Terena no ano de 1866. Nos seus relatos, encontramos a seguinte caracterização:

“O Terena é ágil e ativo: o seu todo exprime mobilidade: gente de inteligência astuciosa (...). Aceita com dificuldades as nossas idéias e conserva arraigados os usos e tradições de sua raça, graças talvez a um espírito mais firme de liberdade. (...) fala com volubilidade, usando seu idioma sempre que pode, e manifestando o aborrecimento por se expressar em português”⁵.

Taunay tem plena razão. Os Terena são ativos, inteligentes, amáveis. As mesmas relações de amabilidade existente no seio de sua família são externadas aos **purutuye** (brancos - que não são índios). São também extremamente hábeis nas negociações políticas, especialmente naquelas que envolvem algum direito de suas comunidades. Por outro lado, não esquecem o mal que lhes fora feito e, seja quem for o causador, será afastado de suas relações.

Profundamente ligados à terra-mãe. A terra é mãe, e quando falamos desta maternidade não nos referimos a uma alegoria e sim de uma maternidade natural. Os Terena se chamam a si mesmos de **POKÉ'E**, que quer

⁵ TAUNAY, Visconde de. *Entre os nossos índios*, 1927, p. 17-20.

dizer **terra**. Quando perguntamos a eles pela explicação disso, respondem: “*nosso nome é Poké’e porque nossos antepassados saíram da terra e porque nós vivemos na terra, é da terra que sobrevivemos; desta mesma terra construí minha casa, tenho meus vizinhos; eu sou daqui mesmo*” (**Poké’e = terra = Terena = filho natural da terra**) (informação verbal)⁶.

A lavoura é a principal forma de atividade econômica. Ela é fundamental para a religião Terena. A cerimônia de final de colheita é tão importante, justo porque sem ela **ITUKÓ’OVITI (Deus Superior)** não estaria de acordo e não abençoaria o próximo plantio. Não há relação comercial, e sim a relação de gratuidade, de reverência pela prosperidade oferecida ao povo pela produção de alimentos. A vida poderá continuar ainda mais para a comunidade. Além do mais, é uma celebração totalmente voltada para os aspectos da reciprocidade, da gratuidade, da partilha entre as famílias.

Por serem povos agricultores e de índole pacífica, os ARUAK quase sempre foram submetidos por outras nações mais guerreiras, como aconteceu com os Terena no Mato Grosso do Sul. Por uma tática de sobrevivência, aceitavam com facilidade as regras do dominador, sendo este um dos motivos da *descaracterização* dos Terena, apesar de manterem outros elementos profundos que lhes dão coesão como povo.

⁶ Sobre este mesmo assunto conferir: BALDUS, Herbert. *Ensaio de etnologia brasileira*, 1979, p. 112;156-158. Idem. *Tereno-texte*, p. 528-544.

Ocasionalmente, os Terena foram dominados pelos Guaicuru e, em troca de produção de alimentos, os Guaicuru lhes ofereciam proteção. Era uma submissão amistosa⁷. Uma leitura mais aprofundada deste elemento, *pacificidade do povo*, nos remeterá à compreensão de que os Terena são tranquilos, falam pouco quando estão diante de outro povo, mas hábeis estrategistas políticos. É bem verdade que, ao longo da história, copiaram determinadas formas de relacionamento com outros povos, como a tática de sobrevivência. Ao final, sua superioridade acaba prevalecendo, a ponto de se falar numa certa *chaneização* da cultura Mbayá⁸. Hoje, os Guaicuru, último grupo em Mato Grosso do Sul, não somam mais que 1.065 indivíduos, enquanto os Terena aldeados chegam a aproximadamente 18.000 indígenas⁹.

Os Terena são um povo que celebra muito. Suas festas são muito animadas. Porém, sentem a falta de seus líderes religiosos, que no passado eram muitos. Hoje, os Pajés são elementos raríssimos. Na aldeia Cachoerinha (**nome indígena MBÓKOTI**), podemos ainda encontrar um que realiza o ritual do **porungo ou a festa do porungo**

⁷ Quando da leitura da bibliografia básica sobre os Terena, por várias vezes encontrei referências sobre a reprodução que os Terena fizeram do modelo de "dominação" por eles vivido: CARVALHO, Edgard de Assis. *As alternativas dos vencidos - índios terena no Estado de São Paulo*, 1979, p.35-38; e também sobre a prática expansionista aruaque, *Ibid.*, p.28 e 36.

⁸ Cf. *Ibid.*, p. 30 e 34.

⁹ Cf. tabela populacional 1 e 2 dos Terena, p. 11 e 12.

nas noites de quinta-feira santa. Na aldeia Ipegue (**nome indígena VARÁ KAKOE**), existe um **xamã** que lida com a medicina tradicional à base de ervas e plantas medicinais. O mesmo se sucede em outras aldeias. O ritual entre **xumonó** e **sukirikionó**¹⁰ mantém até hoje o que eles chamam de **a dança do bate pau (ihiyoti evoi kipâé)** ou **a dança da Ema**, na qual os indígenas dispostos em duas fileiras com número igual executam vários passos encenando uma disputa que sempre é vencida pelos melhores. É claro que esta dança, hoje, assumiu elementos novos, novas interpretações. Os índios dizem que é a comemoração ou a memória daqueles que lutaram na Guerra do Paraguai, e venceram, utilizando-se apenas de varas de pau contra um arsenal de armas de fogo do inimigo.

Os Terena modernos não desconhecem totalmente o passado. Mas como eles dizem: é preciso *progresso*. Não se trata, simplesmente, do progresso como nós o entendemos, ou a nossa sociedade o entende. A necessidade de dar vazão a uma série de demandas, que têm sido colocadas de fora pela sociedade nacional, vem obrigando o povo a buscar respostas novas.

Os conflitos, gerados em função da luta pelo poder nas aldeias, não raras vezes têm sido interpretados tão

¹⁰ Este cerimonial era realizado com freqüência e tinha o nome de **Ohó koti**. O ritual era realizado pelas duas metades da sociedade terena. Sobre estas metades cf. Roberto Cardoso de Oliveira, O dualismo terena, Apud SHADEN, Egon. *Leituras de etinologia brasileira*, p. 186-192. Sobre o ritual **Ohó koti** e as metades das sociedade terena estamos procedendo as investigações necessárias para uma compreensão mais acertada. Assunto que divulgaremos em breve.

somente como trampolim para alcançar maior prestígio junto à sociedade civil do município próximo, ou junto ao povo na aldeia. O desconhecimento por parte do branco das estruturas existentes na sociedade Terena tem ajudado também a acirrar as divisões internas e a fracassar qualquer tentativa de cooperativismo. Se se quer empreender qualquer atividade com este povo, o primeiro critério para acerto é trabalhar com os **NAATI** (líderes, caciques).

1.1.4 - As reservas atuais, a população e as terras

São treze áreas indígenas no Mato Grosso do Sul, onde os Terena estão localizados: Aldeinha, no município de Anastácio; Limão Verde e Taunay/Ipegue, no município de Aquidauana; Buriti, no município de Dois Irmãos do Buriti; Cachoerinha, Guaicuru, Lalima, Moreira e Passarinho, no município de Miranda; Nioaque, no município do mesmo nome; Água Limpa, também conhecida como aldeia Bálsano, no município de Rochedo; e Tereré, no município de Sidrolândia. Há ainda a presença de significativo contingente desta etnia na Área Indígena de Dourados, pertencente aos índios Guarani-Kaiowá, e uma Área Indígena no Estado de São Paulo: Araribá, no município de Avaí, onde os Terena também dividem espaço com a etnia Guarani. Os Terena são aproximadamente 20.000 indivíduos e, juntamente com os Guarani-Kaiowá (aproximadamente 30.000 indivíduos), constituem uma das maiores populações, fazendo com que Mato Grosso do Sul seja a segunda Unidade da Federação com maior contingente indígena.

TABELA 1: Tabela populacional Terena por Área Indígena: Famílias, Pessoas e a Relação com o Tamanho da Terra.

ÁREA INDÍGENA	HECTARE	FAMÍLIA	PESSOAS
Aldeinha	04	67	328
Limão Verde	1.581	286	1.446
Taunay/Ipegue	6.461	706	3.800
Buriti	2.090	213	1.065
Dourados	3.530	265	1.500
Cachoeirinha	2.648	724	3.500
Guaicuru	15	15	65
Lalima	3.001	297	1.780
Moreira	45	83	398
Passarinho	114	123	738
Nioaque	3.029	384	1.980
Água Limpa	12	18	81
Tereré	10	43	230
Araribá	1.920	51	263
TOTAIS	24.460	3.275	17.174

¹¹ Numa primeira olhada nos números poderíamos pensar que teríamos 24.460 hectares para 17.174 indígenas Terena, o que daria 1,42 hectare para cada pessoa. Mas isto é falso. Na Área Indígena de Dourados, que contém 3.530 hectares, além dos Terena sobrevivem 7.487 Guarani-Kaiowá. É ali que ocorre o maior número de suicídios. Também na Área Indígena Araribá (no Estado de São Paulo), os Terena dividem espaço com os Guarani. Há Áreas Indígenas onde existe uma “certa tranquilidade” do Povo Terena em relação à terra: é o caso de Lalima, Buriti e Nioaque. Mas também há situações de extrema dificuldade: é o caso de Aldeinha, Moreira, Passarinho, Água Limpa, Buritizinho. De fato, a falta de espaço físico está forçando novos meios de produção para a sobrevivência do povo.

TABELA 2: Tabela por faixa etária¹²

%	FAIXA ETÁRIA	TOTAL
22,0	00 a 05 anos de idade	3.778
14,0	06 a 10 anos de idade	2.404
13,5	11 a 15 anos de idade	2.318
12,0	16 a 20 anos de idade	2.060
10,0	21 a 25 anos de idade	1.718
5,0	26 a 30 anos de idade	859
4,0	31 a 35 anos de idade	687
5,0	36 a 40 anos de idade	858
2,5	41 a 45 anos de idade	429
3,0	46 a 50 anos de idade	515
1,5	51 a 55 anos de idade	257
2,0	56 a 60 anos de idade	345
1,5	61 a 65 anos de idade	258
2,0	66 a 70 anos de idade	344
2,0	71 a 100 anos de idade	344
100		17.174

¹² Esta tabela segue amostragem realizada nas Áreas Indígenas Taunay/Ipegue e Cachoerinha. O fato de haver porcentagem maior de jovens nos remonta à tomada de consciência, pelo povo, a partir dos anos 70, sobre o processo de controle de natalidade artificial, adotado pelo Estado Brasileiro e a necessidade de afirmação enquanto povo no contexto nacional.

¹³ Este é o total dos Terena que vivem nas aldeias. Estima-se que aproximadamente 6.000 Terena sobrevivem nas periferias de cidades. Sobretudo, há grande concentração em Miranda, Aquidauana e Campo Grande, no Mato Grosso do Sul.

2. OS TERENA DA ALDEIA LIMÃO VERDE

2.1 - DADOS GERAIS

2.1.1 - Localização

Situada entre os morros da ponta da Serra de Maracaju, distante 21 quilômetros da cidade de Aquidauana/MS, vive uma das mais antigas comunidades do Povo Terena. A aldeia em si tem uma subdivisão e a região mais acima do morro tem o nome de aldeia Córrego Seco. Mas o comum é de se chamar Aldeia Limão Verde. O nome Córrego Seco ficou desconhecido para os anais da história.

O único caminho para se chegar a Limão Verde, de Aquidauana, é a estrada de chão com muita areia. De Miranda são 90 km e grande parte da estrada é asfaltada. De Cípolândia, distrito de Aquidauana, 51 Km pela MS 345, de chão e cascalho.

A fundação da sede da aldeia se deu em 1928. O aldeamento Limão Verde juridicamente é de fundação recente. Sabemos, porém, que os índios já há muito tempo viviam¹⁴ nessa região.

¹⁴ Cf. TAUNAY, Visconde de. *Cartas de campanha de Mato Grosso (1865 a 1866)*, p.152-173.

2.1.2 - A formação da comunidade

Dizem alguns que esta localidade foi iniciada por um paulista João Dias¹⁵, seus filhos teriam ido morar nesta área. Um sinal disso é que o córrego que nasce nas terras indígenas tem este nome.

Os habitantes destas duas aldeias, com exceção de três elementos, são índios Terena. A constituição deste povo é composta de vários pontos básicos. Eles são Terena mas vieram para esta localidade de formas bem diferenciadas. Alguns procederam do Chaco paraguaio, razão pela qual alguns fazendeiros da região afirmam que na aldeia há paraguaios. Talvez estes elementos sejam a primeira migração para o Limão Verde. Uma segunda modalidade de composição veio logo depois da Guerra do Paraguai, é a migração de fazenda em fazenda, ou seja, o índio andou até o lugar que poderia ser o seu e viver sem ser incomodado. Seria interessante um estudo de como viviam nestas fazendas, posto que, na maioria das vezes, trabalhavam apenas pela comida. Algumas famílias foram fugitivas da

¹⁵ Quando João Dias chegou ao local já existia a comunidade ocupando a Cabeceira da Onça. Aliás, João Dias se amancebou com uma indígena de nome Malvina, que residia na Cabeceira da Onça juntamente com o Lutuma (avô de Isaac), união de que resultou um filho (Rafael), que ainda hoje reside no Córrego Seco. Depois que João Dias vendeu a parte das terras que lhe pertencia para que fosse possível a fundação da Cidade de Aquidauana, mudou-se para Morrinho São José, região vizinha de Limão Verde, tendo, mais tarde, finalmente se mudado para Limão Verde. A estratégia de se casar com uma indígena e fazer amizade com a comunidade, para depois lhe usurpar a terra, era muito comum entre os Bandeiras. Por esta razão, afirmamos que o grande benfeitor da cidade de Aquidauana foi o primeiro invasor da Aldeia Limão Verde.

Guerra do Paraguai. Hoje, verificamos um bom grupo com esta descendência, até a mãe do Isac, o mesmo que foi cacique da aldeia por mais de 20 anos. Ainda houve o fato de outras famílias que andaram por diversas regiões e no decorrer dos anos chegaram a Limão Verde. Assim, Eusébio Malheiros, depois da Guerra do Paraguai, fixou-se em Coxim, e mais tarde se integrou a esta aldeia.

Acentuamos que a maioria dos habitantes da Aldeia Limão Verde veio de fazenda em fazenda à procura da liberdade perdida pela invasão das terras que foram recebendo titulação de posse, ato que, para os índios, até pouco tempo era um elemento próprio só dos brancos. Com isso, eles foram marginalizados e encurralados em poucas áreas protegidas pelo Serviço de Proteção aos Índios e depois pela Fundação Nacional de Assistência aos Índios.

2.1.3 - O censo

A população de Limão Verde em 1927 não passava de 162 índios; em 1954, o censo registrou 246 habitantes, que subiu, em 1990¹⁶, para 1.180, passou para 1.384¹⁷, em 1995, e hoje chega a 1.446¹⁸ índios.

¹⁶ Pesquisa realizada por Lucila Mejia e Rubiela Ramirez com a colaboração de Valter Neto (Chefe de Posto da FUNAI) nos meses de abril e maio de 1990.

¹⁷ CENSOS realizados pelo "COOPERATIVE GROUP OF FOGO SELVAGEM RESEARCH" Y NATIONAL INSTITUTES OF HEALTH (NIAMS) DE USA (1995).

¹⁸ A contagem da população em 1997 foi realizada por Olívio Mangolim.

O censo que realizamos de janeiro a abril de 1997 considerou as famílias nucleares, ou seja: pai, mãe e filhos, visto que é quase impossível efetuar-lo a partir da estruturação antiga, por camadas e classes. É do nosso conhecimento que os Terena ainda no Chaco Paraguai se dividiam em camadas estratificadas social e culturalmente. Socialmente existiam três camadas: os **naati** (caciques e sua parentela), **waherê-txané** (a gente comum) e os **xuná-xati** (o herói guerreiro). Aparecia ainda uma quarta camada estratificada etnicamente: os **kauti** (cativos) provindos de outros povos como cativos de guerra. Além destas estratificações, há a questão do dualismo interno: os **sukirikionó** e os **xumonó**¹⁹. Porém, os **Kauti** não ascendem a nenhuma camada ou *strata* social do povo e conseqüentemente não participam da estrutura dual²⁰.

¹⁹ Este estudo está fundamentado nas publicações de OBERG (1948), SILVA (1949), OLIVEIRA (1968), CARVALHO (1979) e SUSNIK (1994). Atualmente estamos procedendo nossas investigações a este respeito.

²⁰ Quando perguntamos aos Terena de hoje a que camada pertencem, são poucos os que sabem se identificar. No entanto, o espírito de sua estruturação ideal persiste, com novas formas e interpretações.

TABELA 3: População da Área Indígena Limão Verde dos Índios Tereja, distribuída por sexo e idade²¹

I D A D E	M A S C U L I N O	F E M I N I N O
0 a 05	1 2 3	1 4 6
06 a 10	1 0 4	9 8
11 a 15	9 3	1 0 1
16 a 20	7 7	9 6
21 a 25	6 3	8 2
26 a 30	4 6	4 2
31 a 35	3 5	2 9
36 a 40	3 7	3 5
41 a 45	2 3	1 5
46 a 50	2 4	1 7
51 a 55	2 7	8
56 a 60	1 5	1 4
61 a 65	8	4
66 a 70	1 6	4
71 a 75	1 2	9
76 a 80	1 4	3
81 a 85	8	3
86 a 90	2	7
91 a 95	2	2
96 a 100	1	2
101 a 105	1	-
T O T A L	7 3 1	7 1 5

TOTAL GERAL DE PESSOAS: 1.446

²¹ Dados atualizados por Olívio Mangolim nos meses de janeiro a abril de 1997.

2.1.4 - A cacicagem e o novo modelo de autoridade interna

Sua memória é marcada pela cacicagem. Ela é o sinal de existência neste local. Alguns até não falam tanto de terras, mas sim das pessoas que coordenavam o grupo. Damos grande importância à tradição oral destes fatos a qual se soma com todas as informações escritas²².

É de todos a idéia de que, no início, o comando ou chefia era ato de hierarquia feito pelo pai de família e que, no decorrer dos anos, o filho continuava a missão do pai, ou melhor ainda, tudo ficava dentro do sistema familiar. Só mais tarde foi introduzida a eleição pelo sistema de voto, pela qual todos podiam e podem ainda hoje candidatar-se. A eleição foi introduzida juntamente com a figura do Capitão pelo Serviço de Proteção aos Índios que descaracterizou, ou melhor, ajudou a diminuir a figura do cacique segundo a linhagem²³.

Documentamos aqui o relato de Isac Pereira Dias²⁴

²² Há um caderno histórico na comunidade que vem sendo escrito pelo Sr. Isac Pereira Dias, em que encontramos a história da cacicagem.

²³ Num outro artigo, que estamos realizando, discorreremos sobre como funcionava a antiga sociedade Terena, ainda no Chaco Paraguai; suas estruturas internas, a partir do indivíduo, comunidade e suas relações, trata-se da estrutura ideal Terena. Observa-se a partir da estruturação antiga, em relação à estruturação de hoje, que mesmo adversamente ao que pretende o órgão indigenista oficial, mantêm-se traços caracteristicamente Terena.

²⁴ Sobre ele já nos referimos anteriormente.

e de como ele viu e vê a sucessão da chefia dos índios do Limão Verde. Embora se tenha muito pouca coisa escrita, o entrevistado lembra tudo como foi e, assim sendo, demonstra-se mais uma vez o valor que a via oral tem entre os povos indígenas. Fala Isac que seu bisavô, o Lutuma, ficou como responsável, isto é, cacique. Ao falecer, tomou posse seu irmão. Quando este faleceu, quem tomou posse foi o Sebastião Dias em 1950. Antes, havia também o encarregado do Serviço de Proteção aos Índios de nome Henoc Alvarenga Soares, em 1947, como primeiro encarregado do Posto Indígena Limão Verde. Veio outro encarregado, Joaquim Nogueira de Matos. Eles fizeram modificações e queriam um outro responsável no lugar de Sebastião. Na seqüência, vamos ter o Henrique Dias, que sucede a Sebastião. O Daniel será por eleição. O terceiro foi Sebastião Dias, que retornou ao poder, e o quarto Humberto Lemes. Sebastião Dias tirou Humberto Lemes do cargo porque tinha pouca experiência e ficou Rafael. Este pediu a Isac para substituí-lo. Aconteceu em 1968. Em 1970, veio outra eleição, sendo candidatos Isac e Otávio, mas este último não obteve nenhum voto.

Desde então, Isac, eleito pelo voto, mas também cacique segundo a linhagem, esteve na direção da comunidade até meados da década de 1990. Sua história se confunde com a luta pela terra²⁵. Ficou quase trinta anos no comando da sua comunidade. O fato é que se constatam

²⁵ Não trataremos aqui a questão da luta pela terra, o levantamento fundiário, pois trata-se de assunto muito extenso dada a complexidade que o envolve.

duas formas de autoridade interna na comunidade: primeiro a dos caciques e depois a figura do capitão existente até os dias de hoje, mas que foge à linhagem dos caciques. No caso de Isac, foi uma situação ímpar, em que a autoridade se concentrou numa só pessoa. Quando o capitão da aldeia não pertence à casta de caciques segundo a linhagem (não é um NAATI), os conflitos internos aumentam.

2.2 - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

2.2.1 - A terra ainda é condição necessária para a sobrevivência física e cultural

O índio vive o presente e seu grande interesse é o espaço para existir. Sobre o passado histórico eles falam, mas preferem ver o presente de sua vida. Para os Terena de Limão Verde, terra é essencial por uma série de razões, a principal é esta: ou eles têm **espaço**²⁶ ou eles desaparecem. Aos poucos foram se fixando no Limão Verde porque teriam mais segurança e podiam viver a sua realidade.

A manipulação, o paternalismo e a utilização do índio para a consecução de objetivos estranhos a ele

²⁶ Esta questão nos desafia. Qual a concepção de espaço têm os Terena? O que pensam em perspectivas de futuro? Deixemos a questão aberta. Ela é objeto de investigação para a qual estamos motivados e queremos aprofundá-la. De todas as maneiras a questão está colocada. Temos que mergulhar nesse rio para ver sua profundidade. Falaremos sobre isso uma vez mais na perspectiva de investigação.

tem sido a característica da política indigenista oficial que cumpriu seu papel de **confinar e encurralar os índios em pequenos pedaços de terra**. Ano após ano se repetia a mesma coisa. Traziam as sementes, preparavam a terra, faziam a colheita, vendiam os excedentes, e no próximo ano começavam tudo de novo. Por um período de 80 anos, criou-se uma relação de dependência muito grande. Não se propiciou a potencialização deste povo em termos de novas possibilidades. Por isso a comunidade, sem visualizar outras reais perspectivas, se agarra ao seu pedaço de chão e busca ampliá-lo ao que consideram direitos originários. No momento posterior à Guerra do Paraguai, a comunidade ocupava uma extensão de 6.000 hectares que posteriormente foram sendo ocupados e titulados por fazendeiros que passaram a ocupar a região.

2.2.2 - Natalidade X Mortalidade

Em geral a saúde dos índios é muito boa. Aparece como item negativo a presença de várias pessoas com fogo selvagem, 27; com diabetes, 17. Na área infantil, são as diarreias, sarampo e pneumonia.

A mortalidade infantil não chega a 2%. É um sinal até positivo o fenômeno da saúde, demonstrando certo equilíbrio vital. Nos controles de 1994 até 1996, o crescimento populacional na relação entre nascimentos e óbitos foi de 2%. Há também outras doenças em número menor como tuberculose, HIV, que peritos estão na tentativa de superá-las e que merecem muito cuidado. Pelos dados ao nosso alcance, a população vive em relativa estabilidade

populacional, com leve crescimento em relação a morte e natalidade.

2.2.3 - Aspectos cosmológicos e religião

O conceito da realidade que o Povo Terena possui é de um cosmos maravilhoso, que representa o todo. Podemos falar em espírito harmonioso. A vida vem do cosmos e somos um todo com ele, dizem. Admiram o sol, a lua, as flores, os pássaros e a água. Este todo faz da visão religiosa Terena uma unificação. A natureza e o homem estão intimamente ligados. Assim, os montes servem de sinal sagrado e são indispensáveis para sua vida. De modo que a região do Limão Verde é um lugar por excelência para o Povo Terena.

A cultura Terena é rica de mitos e lendas, nas quais encontramos explicações para a criação do mundo, para o casamento, para o trabalho da agricultura, para as relações internas da comunidade, etc. Alguns destes mitos e lendas já foram escritos por historiadores e antropólogos²⁷.

Não localizamos na aldeia um local destinado às cerimônias religiosas de sua gente. Aliás, falta na aldeia um pajé que celebre seus mitos, como existe nas aldeias Cachoerinha, Ipegue e outras, o qual poderia recuperar a

²⁷ Cf. BALDUS, Herbert. *Antologia ilustrada do folclore brasileiro - estórias e lendas dos índios*, p.255-261; IDEM, *Lendas dos índios tereno*, 1960, p. 217-232.

religiosidade própria de sua índole. O que observamos e visitamos em detalhes são os cemitérios. Um apenas pode ser classificado de recente, isto é, depois de 1931. É costume dizer *novo* porque está em funcionamento. Há outros espalhados pela região (pelo menos três que temos conhecimento e documentamos). Assim, no Córrego Seco visitamos o cemitério já bem antigo e em estado de semi-abandono. E um segundo está na fazenda mais próxima, no local conhecido pelos indígenas e já citado anteriormente, como a Cabeceira da Onça. Nesta faixa de terra estava a primeira Aldeia do Limão Verde. Diversas famílias moraram nesta área. Perto do antigo cemitério, que pelas indicações é o básico para a Aldeia de Limão Verde, morava o índio Martins Gabriel, nascido em 28 de outubro de 1926, em Ipegue, que veio morar bem perto do cemitério. Seus pais eram Hipólito Gabriel e Domingas Graciona. E seus avós são Gabriel e Amália. Ele desde a sua infância morou perto do cemitério. Em 1945, transferiu-se de sua residência perto do cemitério para o local nas proximidades das furnas de Limão Verde. Sempre trabalhava em fazendas, mesmo residindo nesse local.

Quanto à presença moderna de religião, a aldeia está servida por três igrejas: duas se situam uma quadra longe do centro e perto da estrada; e uma fica no entroncamento da estrada com a via principal da aldeia centro. Os Padres Redentoristas, em 1932, com a ajuda de duas Irmãs Vicentinas e utilizando-se de quatro carroças, trouxeram as pedras para construir o templo que, de início, também serviu de escola. Os pedreiros chefes eram o Sarneca e, ainda vivo, o português José Maria da Cruz. À Igreja

Católica pertencem o maior número de fiéis entre os indígenas da aldeia. Às outras, pertence menor número.

Visitamos a Igreja Assembléia de Deus, que se situa ainda no a caminho, antes de chegar no centro da aldeia. Ela iniciou suas atividades em 1968. O prédio é moderno e tem bom núcleo religioso. Também tem sua presença a Igreja Uniedas (União das Igrejas Evangélicas da América do Sul). Pela primeira vez chegaram os missionários americanos: no Distrito de Taunay, município de Aquidauana, em 1912, e no Limão Verde, em 1918. A igreja teve sua fundação em 1928, com a presença de dois casais missionários. Guilherme, em 1918, foi o primeiro missionário que veio a Limão Verde. Após a saída dos missionários estrangeiros, eles decidiram continuar e formaram esta igreja em 1928. O atual Pastor, que é um índio, tem a direção desde 02 de abril de 1972.

Portanto, há na Aldeia Limão Verde ausência de tradição religiosa Terena e a presença de três núcleos atuais de religião relativamente fortes. Há outros pequenos núcleos. Isto mereceria um estudo à parte para averiguar o significado da interferência destas religiões no processo cultural próprio do povo.

2.2.4 - Cultura e Educação

Sob a égide destas duas palavras, queremos explicitar a questão do processo educacional na família (costume antigo do povo) e o uso da língua materna.

Todos os moradores da aldeia falam de seus an-

tepassados e de que eles viviam nesta região. Vivem da tradição oral e mesmo dogmática. O conhecimento, **a memória do povo**, é passado de pai para filho. Eles dizem: *“as pessoas de fora escreveram, ao passo que o índio não se preocupa com estas normas”* (informação verbal).

A grande maioria ainda fala o Terena mais antigo, porém na escola não se ensina o **idioma nativo** para as crianças. Preservam com carinho aspectos da cultura particular Terena, como a cerâmica, a tecelagem, a dança, o conselho tribal. **O que podemos observar como nota marcante é, sem dúvida, a consciência de que eles são Povo Terena.** Até as crianças se sintonizam com o pensar Terena. Em nossa primeira visita, havia um grupo de meninos, bem de frente, pintados e prontos para irem à guerra.

A propósito, não há crianças abandonadas entre este povo. Desde a gestação há fortes laços de carinho, uma relação incomensurável entre a mãe e o futuro bebê. Após seu nascimento, o recém-nascido é conduzido por um processo de amor e ligação afetiva tanto da mãe como do pai, de fazer inveja a qualquer ser existente. O crescimento é acompanhado passo a passo, sem que do pequeno se descuidem por um só segundo. Aprende desde pequeno sua língua materna. Com o crescimento, há a continuidade do ensino-aprendizagem de sua história. Pela noite, é tarefa do avô estar junto ao pequeno, transmitindo-lhe as proezas e aventuras de seu povo: de onde vieram, as dificuldades que enfrentaram, como o mundo se lhes foi criado, as maravilhosas fontes de benção que **ITUKÓ'OVITI** tem reservado para eles.

A criança, ao tornar-se um(a) menino(a), acompanha o pai nas lides da lavoura ou a mãe nas tarefas diárias. Porém, a escola oficial não tem sido um instrumental para favorecer o desenvolvimento de sua cultura. É de se lastimar que a escola oficial não tenha oportunizado aos professores que atuam na comunidade Limão Verde se potencializarem para um trabalho educativo que ajude a abrir novas perspectivas para o povo. Para se trabalhar com uma comunidade etnicamente diferenciada, urge à escola oficial qualificar seus profissionais no âmbito da antropologia ou, ainda melhor, escutar o povo indígena acerca de seus processos formativos e oportunizar a qualificação de professores autóctones. **Potencializar é a palavra chave para vencermos a idéia mitificada de que os índios irão permanecer infinitamente encurralados num pequeno espaço de terra e necessariamente tendo que sobreviver exclusivamente dela. Potencializar para abrir novas perspectivas.**

2.3 - ATIVIDADES PRODUTIVAS

Hoje, 56 índios vivem no pequenino núcleo na sede do Posto da Fundação Nacional de Assistência ao Índio, e os restantes, 230 roceiros, nos seus arredores, como agricultores e perto de suas lavouras. Na periferia de suas casas, numa área de 200 hectares ao todo, há plantação de árvores frutíferas. Há também uma área destinada à criação de gado. No todo, pode-se calcular que 600 a 700 hectares de terras são aproveitáveis, dos 1.750 hectares existentes.

Na sede da aldeia estão 15 casas, na roça residem os referidos 230 ditos 'roceiros'. A distribuição das famílias se dá por sistema piramidal. O pai tem uma posse, que é simbolizada pelas árvores e pela plantação, e o filho, ao se casar ou emancipar, recebe um pedaço de terra e vai plantar as suas árvores, sua roça e começa a ter posse sobre este pedaço. Como a aldeia vive da terra, todas as suas atividades estão voltadas para a terra e para a produção vinda da terra. Alguns diziam: "*somos 230 roceiros*", isto é, as famílias que não estão morando na parte central da aldeia. Há um equilíbrio numérico entre as mulheres e os homens.

O Povo Terena ainda depende exclusivamente da terra e vive dos produtos tirados dela. De característica pacífica, luta para viver produzindo alimentos, vendendo pequenas quantias do excedente no mercado local, para com isso obter produtos que não consegue extrair de sua terra como roupas, sal, etc. O espaço produtivo insuficiente o leva a grande preocupação no presente, e torna-se ainda maior quanto ao futuro.

As principais atividades desta população são a agricultura e o plantio de árvores frutíferas. Poucas famílias cultivam uma horta. Esta aldeia tem área para criação bovina e vimos algumas ovelhas. Para a agricultura, utilizam 300 hectares e para as frutas 200. E para o gado mais 200 hectares. O restante de suas terras é só morraria. Área para caça e coleta de palmito, mel e frutas silvestres. Impossível para produção agrícola. **As terras já estão ficando fracas e eles não possuem grande tecnologia de recuperação de solo.** Na lavoura produzem milho, arroz, feijão, abacaxi e man-

dioca. As frutas mais comuns são a manga, os cítricos, o cajú e o tamarindo. Vivem em particular com a alimentação básica da mandioca e dos derivados do milho. E no tempo das frutas, estas são o alimento predominante.

O Trabalho sempre **foi manual**, seja no preparo do solo, seja na colheita e mesmo na conservação dos alimentos. Hoje, o preparo da terra é feito com trator, pois eles têm duas unidades: um Valmet 138 traçado e um Massey Ferguson 265. O plantio, a colheita e a conservação do solo são feitos ainda de **forma artesanal**. Eles têm visitas da Empaer, mas são insuficientes.

Com a entrada das máquinas para o preparo do solo, a melhoria de vida cresceu ano-a-ano. Porém, o espaço continua o mesmo; é de se salientar que sem técnica de preservação, o solo vai se deteriorando. Daí ser preciso ajudar este povo com mais tecnologia. Melhor ainda seria oportunizar formação qualificada nestes aspectos para membros desta comunidade.

O volume básico dos produtos agrícolas, em 1996, foi de: milho, 900 sacos; feijão, 100 sacos; arroz, 80 sacas. Entram aqui também outras culturas como a mandioca e a banana, que têm apenas finalidade de alimentação interna. A produção abastece a aldeia e o pequeno excedente é vendido em Aquidauana e Campo Grande. Além da agricultura, eles vivem das frutas, das quais 90% consumidos na aldeia. A parcela que sobra é comercializada. As principais frutas são: a manga, o mamão, o cajú e a laranja. Tentam pequenas indústrias manufatureiras como as de rapadura e doces.

2.4 - MEIO AMBIENTE

A população da aldeia é abastecida por um córrego, diversas minas e um poço artesiano. As águas não estão poluídas e tivemos a certeza de que zelam e cuidam de todos os bens naturais ali existentes. Estes dados nos colocam diante de um povo que, por enquanto, vive da terra e dela necessita para a sua continuidade física e cultural.

Observamos uma linha de conservação do solo e pouca destruição de matas naturais. As áreas cultiváveis são desmatadas aos poucos e na sua grande maioria são ocupadas pela roça, pelas árvores frutíferas e mesmo por áreas de pastagem para o rebanho. Já referimos anteriormente que as águas não são poluídas e viu-se pouco lixo jogado. Chamam-nos atenção as terras das montanhas e das periferias, que não são cultiváveis, e em alguns lugares aparecem danificações do solo. Isto não depende tanto deles. Há, porém, a falta de assistência técnica em suas plantações, o solo está cada vez mais pobre e assim muito se perde em produtividade e conservação. Eles vivem de 700 hectares de terra apta para agricultura e para árvores frutíferas, e a outra parte é improdutiva. Não observamos reflorestamento na área, mas apenas manutenção de áreas não produtivas.

2.5 - IMPORTÂNCIA DO PROCESSO ORGANIZATIVO

Em primeiro lugar, é necessário que se extinga o instituto da tutela cuja única finalidade é a de eternizar os índios numa situação de “menores”, retidos à era da caça-pesca, evoluindo-se ainda primitivamente para à da pecuária e agricultura extensiva.

Reconhecer os processos organizativos indígenas que estão buscando interferir, ocupar cada vez mais, e de forma efetiva, espaços políticos dentro da sociedade nacional, para poder intervir eficazmente em favor de suas comunidades, principalmente no que se refere à educação. Nunca houve tanta preocupação em relação à questão educacional por parte dos povos indígenas como nesta década. Há a participação indígena em todas as esferas em que se discutem e se criam as políticas educacionais: da Secretaria de Educação do Município ao Ministério da Educação e Cultura. Eles sabem que esta é questão chave. É necessário se potencializar para se situar e projetar²⁸. Entre as suas organizações, as que mais se fortalecem são as associações de professores indígenas. Contra o instituto da tutela eles falam de sua autonomia. Aos poucos tomam consciência de que a tutela é como uma máquina que está programada para dizimar. E o índio não é uma máquina.

²⁸ Este conceito de educação é utilizado pelo prof. Dr. Vicente Fideles de Ávila: “Educar é potencializar o indivíduo para ele mesmo se situar e se projetar”(informação verbal).

Ele pode ser o arquiteto de sua vida. O povo Terena tem um projeto histórico. E é esse projeto que deve ser discutido no conjunto com a sociedade brasileira. O projeto Terena, com certeza, oferecerá inúmeras contribuições para o Brasil e para a humanidade.

Um dia, conversando com Lenino Cândido, presidente da organização de base dos índios Terena do Mato Grosso do Sul -O Comitê Terena- a todo momento ele repetia três palavras: organização, educação e autonomia. Perguntei a ele o que entendia por estas palavras, ao que me respondeu:

“Organizar é colocar as coisas no lugar a que lhe pertence. Trabalhar juntos para o índio é organizar. A casa sem alicerce qualquer vento derruba. Os índios do Brasil estão como uma casa sem alicerce. Nós precisamos nos organizar para colocar as coisas no lugar certo. Educação em primeiro lugar é propiciar ao índio o acesso à escola e que seja uma escola de qualidade, uma escola de bom nível. Todos os brasileiros têm direito a uma escola de qualidade e nós somos cidadãos brasileiros. Somente assim nós poderemos exercer a autonomia porque estarão criadas para nós índios as condições para desempenhar as atividades políticas, econômicas, sociais, religiosas, culturais, sem dependência externa” (informação verbal).

Concluiu ele: *“estas coisas só se darão com nossa efetiva participação no processo”* (Ibid).

Na última década, esquentou-se o debate sobre educação indígena. Debate em que os índios foram esquecidos. São os descaminhos do processo. Hoje, participando ativamente do processo, descobrem as razões dos descaminhos, vislumbram novas perspectivas que apontam novos rumos para sua continuidade étnica diferenciada.

A partir destas perspectivas, as portas foram abertas para o trabalho de investigação que pretendemos realizar durante o Mestrado em Educação.

3. UM RELANCE SOBRE OS TERENA DE LIMÃO VERDE

O melhor caminho para o conhecimento é a convivência. Não basta simplesmente olhar, ouvir para depois escrever: trabalho do antropólogo²⁹. Faz-se necessário enfronhar-se no interior, não somente no físico, mas também no espiritual de uma comunidade, auscultando o mais profundo do acúmulo de sabedoria centenária e até milenar de um povo. É lá, no rancho do velho índio, que podemos apreender e compreender, **como**, no meio de tanta violência gerada de fora para dentro, e **porque** ele ainda se mantém vivo e carrega consigo uma sabedoria inesgotável, não

²⁹ Parafrazeando um artigo de Roberto Cardoso de Oliveira, In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, 1996, USP, Volume 39 n. 1, p. 13-37.

somente sua, mas patrimônio compartilhado de um Povo, pois é de sua essência a reciprocidade. Sabe que não vive somente para ele.

Os dias se passam e mesmo assim não nos damos conta, pois a convivência é gostosa. Ali todos os momentos são importantes, e neles vai se construindo a história cheia de significados. Cada gesto, cada palavra é plena. Não se joga conversa fora, como no mundo europeizado. A palavra falada é geradora de vida. Você fala e seu falar realiza.

O velho mira para os morros ao seu redor e sente a força da natureza que o faz dar-se conta do poder que tem. Não é impotente como se costuma pensar por aqui. Ele é dono de seu destino, tem um pensamento próprio (**inzóneu**), pensamento coletivo, reflete a força de um povo capaz de se manter vivo, reproduzindo-se física e culturalmente, mesmo num contexto altamente adverso à sua cultura.

A criança mira o velho e sabe que ali está seu futuro, cheio de sabedoria, universidade construída ao longo do tempo, nele se espelha, escuta-o, aprende dele, respeita-o, coisa tão estranha no mundo do branco. Aqui a televisão substituiu o humano. A natureza foi esquecida. É preciso que voltemos ao natural, ao humano, à consciência. Eis as lições desta primeira etapa da pesquisa.

Por fim, o nome da Aldeia: Limão Verde. O nome é a identificação. Quando pronunciamos o nome de alguém está contido nele tudo o que ele é. Assim, quando dizemos Pedro, é aquele Pedro com suas qualidades, seus

defeitos, seu sorriso, etc. Limão Verde é perfumado, é pureza, é saúde. É também azedo porque está confinado num interior, ainda esperando a sua condição última de maturidade. Assim o é também a comunidade indígena, confinada num pequeno espaço territorial, por uma política nefasta, antiindígena, de governos capitalistas e neoliberais que ignoram o clamor deste povo. Haverá de chegar um dia à maturidade pela sua própria força organizativa, na habilidade das crianças e jovens à escuta de seus anciãos.

4. PERSPECTIVA DE INVESTIGAÇÃO

Que ninguém se engane. A visão indígena a respeito do mundo vem se ampliando dia-a-dia. As possibilidades que estão ao nosso alcance vêm sendo sistematicamente reivindicadas e buscadas pelos povos indígenas. É salutar e nobre a urgência de **potencialização**, explicitada anteriormente pelos índios como necessidade para superação das dependências, da utilização e construção de sua autonomia. Urge investigar alternativas de políticas que realmente abram perspectivas e apontem alternativas de desenvolvimento e integração do índio no processo de conquistas sociais, científico-tecnológicas e econômicas.

O encurralamento ou confinamento, escondido sob o romântico pretexto da preservação cultural, é nada mais

nada menos que garantir mão-de-obra escrava, redutos de miséria, de fome que leva ao desespero e de suicídio que poderá chegar ao extremo do coletivo, caso não achemos saídas mais globais, consistentes e eficazes, em perspectiva de médio e longo prazo, no sentido do **descurralamento** dos índios, explícito e implícito em toda política nacional e internacional de isolamento cultural, humano, econômico, social, a que são submetidos³⁰.

Enquanto as políticas atuais implementam ideologia que garante privilégios de minorias em detrimento das maiorias excluídas, **os índios trabalham a idéia de que devem participar, com toda a sociedade brasileira, do processo de construção de um novo modelo de sociedade em que não haja excluídos**. Aspiram saídas globais para os problemas que vêm enfrentando, que, naturalmente, não foram criados por eles.

Lutam pela demarcação de suas terras com consciência clara de que a simples demarcação da reserva não significa a solução de todos os problemas que enfrentam: é a questão do **espaço**. Embora a concepção de **espaço**, no caso *espaço de vida*, já se tenha extrapolado a vários outros campos da iniciativa humana, os Terena, como praticamente todos os povos indígenas brasileiros, ainda o restringem a **uma porção de terra com condições naturais de prover a sua subsistência nos moldes tradicio-**

³⁰ Cf. observação feita por Prof. Dr. Vicente Fideles de Ávila por ocasião de sua apreciação desta matéria e constatação em reunião realizada com cerca de 50 índios no dia 23/06/97, quando se discutiu a questão de *espaço* acima referida.

nais e extremamente elementares de suas tribos. É de se observar, no entanto, que as novas gerações, pelo convívio com as cidades com o rádio e a televisão (através até de antenas parabólicas) já estão começando a se darem conta dos demais *espaços de vida*, no Brasil e no exterior, disponíveis aos brancos. Trata-se, portanto, de noção com perspectiva de evolução muito rápida.

Em razão disso, os Terena falam em educação no sentido de **potencialização que possibilite abrir reais perspectivas de vida.** E ainda por isso, está aberto vasto campo de investigação no qual nos investiremos com rigor, ordem e progressão.

BIBLIOGRAFIA

- ÁVILA, Vicente Fideles de. *A pesquisa na dinâmica da vida e na essência da universidade* - ensaio de curso para estudantes, professores e outros profissionais. Campo Grande : Ed. UFMS, 1995. 156 p.
- AZARA, Félix de. *Viajes por la america meridional*. Madrid : Calpes, 1923. 2 v. V.1: 309 p. e V.2: 223 p. (o segundo volume trata de índios do sul mato-grossense e do Paraguai, considerando, entre eles, especialmente as tribos Guaicuru, Guarani e Aruak).
- BALDUS, Herbert. *Antologia ilustrada do folclore brasileiro* - estórias e lendas dos índios. São Paulo : Livra-

ria Literart Editora, 1960, p.255-261.

_____. *Ensaio de etnologia brasileira*. 2.ed. São Paulo : Cia Editora Nacional, INL/MEC, 1979. 214 p.

_____. Lendas dos índios Tereno. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, v. IV, n. 5, 1950, p.217-32.

_____. Tereno-Texte. *Revista Anthropos XXXII*, Wien, 1937, p.528-544.

CARVALHO, Edgard de Assis. *As alternativas dos vencidos - índios terena no Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979. 136 p.

CASTELNAU, Francis de. *Expedições às regiões centrais da América do Sul*. São Paulo : Cia Editora Nacional, v. 266-A, 1949, p. 221-379. Coleção Brasileira.

CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio americano - a guerra do Paraguai*. 19.ed. São Paulo : Editora Brasiliense S.A., 1986. 208 p.

FURLONG, Guilherme & CAMAÑO, Joaquim. *Noticia del gran chaco (1778)*. Buenos Aires : Libreria del Plata, S. R. L., MCMLV.

GOMES, Otávio Gonçalves. *Mato Grosso do Sul na obra do Visconde de Taunay*. Brasília-DF : Centro Gráfico do Senado Federal, 1990. 159 p.

LABRADOR, José Sánchez. *En Paraguay católico, con sus principales provincias convertidas a la santa fé y vasallage del rey de Espanã por Jesús, en gran parte arruinada por los mamelucos del Brasil y restablecidas*

por los mismos misionero - año de 1770. Buenos Aires : Ed. Hermanos, 1910.

MANGOLIM, Olívio. *Organização como processo formativo*. Campo Grande, 1996. 5 p. (Mimeo).

_____. Os índios terena do MS organizam-se. *Revista Mensageiro*, Belém, p. 7-9, mar./abr. 1991.

_____. *Povos indígenas no Mato Grosso do Sul - viveremos por mais 500 anos*. Campo Grande : CIMI/MS, 1993. 120 p.

MATTOS, Joaquim Francisco de. *A guerra do paraguai* (história de Francisco Solano Lopez, o exterminador da nação paraguaia). Brasília-DF : Centro Gráfico do Senado Federal, 1990. 355 p.

OBERG, Kalervo. Terena social organization and law. *Revista American Anthropologist*, Menasha-USA, v. L, n. 2, p. 283-291, 1948.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O dualismo terena. In: SCHADEN, Egon. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo : Cia Editora Nacional, Biblioteca Universitária, v. 7, Série 2, 1976, p. 186-192. Ciências Sociais.

_____. *Urbanização e tribalismo - a integração dos índios terena numa sociedade de classes*. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1968. 238 p.

_____. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo: USP, v. 39, n. 1, p.13-37, 1996.

- PREZIA, Benedito. A chegada dos aruak. *Jornal Porantim*, Brasília, jul./ago. 1988. Suplemento, n. 6.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 20.ed. rev. e amp., São Paulo : Cortez Editora, 1996. 272 p.
- SGANZELA, Alfredo. *A história do frei Mariano de Bagnaia - o missionário do pantanal*. Campo Grande : FUCMT, 1992. 462 p.
- SILVA, Fernando Altenfelder. Mudança cultural dos terena. *Revista do museu paulista*, São Paulo, v. III, p. 271-380, 1949. Nova Série.
- _____. Religião Terena. In: SCHADEN, Egon. *Leituras de etnologia brasileira*. São Paulo : Cia Editora Nacional, Biblioteca Universitária, v. 7, Série 2, 1976, p. 268-276. Ciências Sociais.
- SUSNIK, Branislava. *Interpretacion etnocultural de la complejidad sudamericana antigua*. I formacion y dispersion etnica. Asuncion : Museo Etnográfico Andres Barbero, 1994. 203 p.
- TAUNAY, Visconde de. *Entre os nossos índios - chanés, terenas, kinikinaus, guanás, laianas, guatós, guaycurús, caingang*. São Paulo : Cia Melhoramentos, 1931. 134 p.
- _____. *Dias de guerra e de sertão*. 3.ed. il. São Paulo : Cia Melhoramentos, 1927. 156 p.
- _____. *Cartas da campanha de Matto Grosso (1865 a 1866)*. São Paulo : Cia Melhoramentos, 1942. 211 p.